

MINUTO 4 - Afrotopias: cartografias do utópico e do distópico
XI Colóquio Literatura & Utopia: 25 anos
29 e 30 de outubro (online), 5 e 6 de novembro (presencial)
Centro Cultural e de Exposições Ruth Cardoso, Maceió-AL

SIMPÓSIOS ONLINE

1. Territórios imaginados: utopias da/na América Latina

Coordenação: Alfredo Cordiviola (UFPE/CNPq)

Brenda Carlos de Andrade (UFRPE/CNPq)

Resumo: As operações discursivas que envolvem a criação de espaços imaginados sempre foram profícuas, seja como reflexo de desejos, de críticas políticas, especulações filosóficas ou amplificações de espaços e situações de medo e violência. No caso latino-americano, tais operações constituíram parte importante da fundação discursiva de seus espaços, imaginados, imaginários, projetados, utópicos. Os vínculos entre utopia, seja como gênero literário ou impulso crítico criativo, e América se estruturam muito precocemente desde que os processos de expansão marítima, tanto ao se fazer presente na obra marco para o gênero, *A Utopia* de More, através da figura do viajante português e do modelo de relato de viagem, como através da reverberação dessa obra no continente ampliando as possibilidades de imaginação de um espaço outro, o Novo Mundo. Esse Novo Mundo, posto em cena para o olhar ocidental, vai se configurando como um local de projeções e desejos, múltiplos e multifacetados, que surgem e se atualizam com a chegada dos europeus, mas que dialogam e refletem também o imaginário de povos originários e outros que aqui chegaram, especialmente os africanos escravizados. América Latina, assim, está marcada por uma proliferação de imaginários sobre o espaço/território provenientes de várias culturas e que se atravessam, em diferentes níveis de hierarquia, em espacialidades e temporalidades. Ao longo dos séculos, diversas ideias, discursos e programas, formulados nas mais diversas circunstâncias históricas, coincidiram em invocar um tempo futuro imaginado como essa figuração em que as hipóteses seriam confirmadas, os desejos realizados e as promessas cumpridas. Dos espectros da geografia colonial, que anunciam riquezas infinitas e reinos perdidos nos interiores de continente às cidades sonhadas e planejadas na era republicana como centros irradiadores de ordem e modernidade; dos projetos emancipatórios do século XIX às emergências revolucionárias do XX, nesse futuro, distante ou iminente, improvável ou quase consumado, estavam inscritas todas as fantasias e realidades das pulsões utópicas latino-americanas. São esses alguns dos tópicos que, guiados por obras de referência como *A utopia de América*, de Pedro Henríquez Ureña, *O povo brasileiro*, de Darcy Ribeiro, *De la Edad de Oro al Eldorado*, de Fernando Aínsa, entre muitas outras, pretendemos discutir no simpósio. Não esquecemos, todavia, que revisar as projeções passadas é um modo de indagar também o nosso presente, e de formular, dentre as interrogações prementes, uma em particular: neste mundo dístópico, atravessado por políticas que enaltecem o autoritarismo, o ódio e a devastação, há (haverá) ainda margem para postular utopias na América Latina?

2. Mundos possíveis, mundos impossíveis: utopias e distopias entre arte e literatura

Coordenação: Biagio D'Angelo (PPGAV-IdA-UnB)

Utopias e distopias são instrumentos fundamentais para imaginar, criticar e repensar nossas sociedades. Na literatura e nas artes visuais, sonoras e performáticas, essas categorias produzem mundos possíveis — às vezes impossíveis — que oscilam entre o desejo de emancipação e a denúncia das derivas do presente. O elo utópico entre imagem e texto ultrapassa o simples olhar sobre a imagem e o texto. Perguntamo-nos, por exemplo: onde está o « objeto » que o sujeito imagina? Em lugar nenhum. A imagem está, portanto, sempre de imediato, desde o princípio, radicalmente ligada à utopia. A imagem é utópica. Como *A cidade do sol* de Campanella, *O falanstério* de Fourier, *Viagem à Icária* de Cabet. O simpósio convida a refletir sobre como a criatividade artística e literária soube traduzir tensões políticas, ecológicas e tecnológicas em imagens e narrativas capazes de mobilizar o imaginário coletivo: desde projetos comunitários até mundos pós-apocalípticos, das utopias feministas às distopias da vigilância. Esse simpósio visa explorar esses temas em perspectiva interdisciplinar, interrogando textos, imagens e práticas híbridas. François Soulages, no número da Revista VIS (2020) «Imagem e utopia» comenta: « A utopia se alimenta então de imaginários e de imagens e produz imaginários e imagens, ao menos tanto quanto ideias e conceitos, além de que a utilização destas ideias e conceitos releva, por vezes, mais do uso do imaginário que o da razão. Então, partindo da política, a utopia chega na arte; objeto da filosofia política, ela pode tornar-se então objeto da estética; ela oscila assim do sem-arte à arte ». As perguntas-chave do simpósio dizem respeito às funções éticas, poéticas e sociais das utopias e das distopias: que possibilidades de crítica e de projeção elas oferecem hoje? De que maneira as artes e a literatura contribuem para imaginar alternativas ou desvelar medos coletivos? A seguinte bibliografia poderá inspirar os diálogos e as reflexões desse simpósio: Biagio D'Angelo, François Soulages (org.), *Image et utopie* (2020). Os volumes organizados por Ildney Cavalcanti *et al.*, *Utopismos à vista: corpos, espaços, tempos* (2025), *Utopismos à vista: poéticas da visualidade* (2023); Fátima Viera (org.), *Dystopia(n) Matters: On the Page, on Screen, on Stage* (2013).

3. Distopia: articulações e rearticulações de um gênero literário

Coordenação: Evanir Pavloski (UEPG)

Resumo: Ainda que a indicação da obra inaugural do gênero distópico na literatura ocidental seja motivo de debate, é inegável que os séculos XX e XXI foram indelevelmente marcados pelo seu signo, tanto em termos de produtividade criativa quanto de receptividade dos públicos ao longo das décadas. Nesse processo histórico-cultural, o arquétipo - se possível for defini-lo em termos estruturais específicos -, transformou-se consideravelmente, tendo em vista não apenas as inovações estético-formais, mas também os eventos e as tendências do pensamento social que inspiraram suas temáticas e suas

retóricas. Desde a problematização da dependência da tecnologia em “A máquina pára”, de E. M. Forster, até a discussão de Vinícius Neves Mariano sobre o etarismo em *Velhos demais para morrer* (2020), passando pelas figurações de diferentes formas de totalitarismo nas escritas de Zamiatin, Huxley, Orwell e Atwood, percebemos que a própria definição do conceito de distopia sofreu profundas transformações no fluxo do tempo. Diante disso, o objetivo do presente simpósio é promover a discussão teórico-crítica das articulações e rearticulações do gênero (e.g. as distopias clássicas, as distopias críticas, o *steampunk*, as distopias críticas feministas, as ecodistopias, o afrofuturismo, as narrativas pós-apocalípticas, as distopias para jovens adultos, o neodistópico, dentre outras), por meio da análise de obras publicadas desde o século passado até a contemporaneidade, incluindo romances, contos, novelas, poemas e HQ’s. Para tanto, autoras e autores como Fátima Vieira, Felipe Benício, Gregory Claeys, Ildney Cavalcanti, Lyman Tower Sargent, Raffaella Baccollini e Tom Moylan podem compor, ainda que não restritivamente, as perspectivas teóricas das comunicações propostas. Espera-se que esse encontro potencialize e enriqueça os estudos teóricos e analíticos das distopias como uma das figurações mais relevantes da história recente, cujo potencial de atualização se revela significativo e, muitas vezes, necessário na atualidade.

4. Utopismos, distopismos e a colonialidade de gênero

Coordenação: Ana Claudia Aymoré Martins (UFAL)
Ildney Cavalcanti (UFAL)
Luciana Eleonora Deplagne (UFPB)

Resumo: Partindo das premissas de que a colonialidade de gênero (Lugones, 2014) é um fenômeno transcultural e transtemporal, e de que a imaginação de “mundos gendrados alternativamente”, para usar as palavras de Judith Butler (1991), ativa uma dinâmica de contracorrente em relação às tendências hegemônicas coloniais e neocoloniais, este simpósio abre espaço para receber trabalhos que abordem os modos pelos quais os utopismos e distopismos figurados em manifestações literárias e artísticas abrem possibilidades para pensarmos estratégias poéticas e políticas para além do nexos colonial. Algumas pensadoras que poderão inspirar as reflexões incluem, por exemplo, Donna Haraway (2016), que nos conclama a seguir com o problema e a vislumbrar, em contrapartida ao Antropoceno, o Chthuluceno; Angela Davis (2025) e as pautas urgentes do ativismo e da conscientização; Lélia Gonzalez (1988), com a inserção da categoria político-cultural da amefricanidade, como forma de se compreender as especificidades de um feminismo afro-latinoamericano; Julieta Paredes (2019), com a chamada para um feminismo decolonial e comunitário, com base no viver bem; Oyèrónké Oyèwùmí (1997), com a tessitura da crítica oxunista como possibilidade de superação dos papéis de gênero coloniais; Françoise Vergès (2020) em seu vislumbre da dinâmica feminista decolonial enquanto imaginário utópico; Joan Haran (2014), com a proposta da práxis do imaginativismo como desafiadora do status quo. Além dessas pensadoras listadas individualmente, três coletâneas que nos mobilizam neste repensar das utopias para a contemporaneidade são: Luciana Deplagne e Ildney Cavalcanti, *Utopias sonhadas, distopias anunciadas – feminismo, gênero e cultura queer na literatura* (2018); Ana Claudia

Aymoré Martins e Elias Veras, *Corpos em aliança: diálogos interdisciplinares sobre gênero, raça e sexualidade* (2020); Sonia Torres e Marina Penteadó, *Literatura e arte no Antropoceno – conceitos e representações* (2021). Tomadas como um todo, essas críticas feministas da cultura oferecem facetas e ângulos por meio dos quais podemos vislumbrar cronologias e epistemologias emergentes, a partir de uma atitude feminista e decolonial. Considerando essas linhas gerais, serão contempladas, neste simpósio temático, propostas de análises inspiradas pelo pensamento feminista interseccional, no âmbito dos Estudos de Gênero e Queer, com ênfase no diálogo com as utopias, distopias e ustopias, tendo como base estudos situados nos domínios do ecofeminismo, dos feminismos materiais, das queertopias, das translocalidades, dentre outras tendências teóricas afins, e também de suas interfaces.

5. Decolonizando o punk: a subversão afrofuturista

Coordenação: Fábio Fernandes (PUC-SP)

Resumo: Se o movimento punk, majoritariamente branco, tinha como um de seus slogans “No Future” (Não Existe Futuro), os afrofuturistas sempre militaram ativamente por estratégias de sobrevivência construtivas, no sentido de propor paisagens novas e diversas, seguindo assim o outro dos slogans famosos, “Do It Yourself” (Faça Você Mesmo). Filmes dos subgêneros cyberpunk e steampunk, como *Neptune Frost* (Ruanda, 2021) e as séries *Tom Swift* (EUA, 2022) e *Washington Black* (EUA, 2025), além de livros, como *Everfair* (2016) e *Kinning* (2024), ambos de Nisi Shawl, e a trilogia *Lilith’s Brood* (1987-89), de Octavia E. Butler, contribuem para uma visão decolonial que oferece visões de futuro (e, no caso das narrativas steampunk, de passados alternativos) que parte do conceito de necropolítica (Mbembe, 2011) para erguer toda uma construção de negritude pela imagem e pela palavra. Como disse Achille Mbembe em sua *Crítica da Razão Negra* (2018), “possuídos pela África, podemos finalmente mudar de identidade, romper a barreira da alteridade, superar o sentimento de desagregação, o desejo de suicídio e a angústia da morte.” (*op. cit.*, p. 98). Partindo das obras citadas acima e de outras do mesmo tipo, examinaremos neste simpósio o que consideramos uma espécie de subversão do conceito apresentado por Frantz Fanon em *Pele Negra, Máscaras Brancas* (Fanon, 1952): a partida de um movimento literário da ficção científica (ou seja, o movimento punk, exemplificado aqui pelos subgêneros cyberpunk e steampunk, mas que não se limita a eles) criado por brancos para uma manifestação *inteiramente afrocentrada*, de construção ao invés de destruição, de otimismo ao invés de pessimismo, de forma semelhante a que Aimé Césaire fez em sua reinvenção de Shakespeare na peça *Une tempête, d’après ‘La Tempête de William Shakespeare: adaptation pour un théâtre nègre* (Paris, 1969). Entre as possíveis propostas de comunicações a serem acolhidas pelo simpósio poderão ser apresentadas análises de obras de ficção científica, como também diálogos interseccionais envolvendo raça, gênero e cultura.

6. Ficção climática: questionamentos utópicos/ distópicos no Antropoceno

Coordenação: Suênio Stevenson (UFCG)
Marcus Matias (UFAL)

Resumo: O simpósio temático Ficção climática: questionamentos utópicos/ distópicos no Antropoceno objetiva promover o diálogo crítico e reflexivo voltado a produções no gênero literário conhecido como *Cli-fi* (*Climate change fiction*), no que tange os seus eixos formais e temáticos, assim como suas implicações para o despertar de uma consciência crítica e maior sensibilização sobre os graves problemas que orbitam a crise climática que estamos enfrentando na contemporaneidade. O direcionamento dessas discussões recai também sobre os impulsos utópicos e/ou distópicos que entendemos ser parte do escopo de tais narrativas, tendo os registros históricos, políticos e culturais do Antropoceno como principal contexto no qual os efeitos ambientais são percebidos. Para tanto, balizaremos nossa perspectiva teórica em autores e autoras como Greg Garrard, Cheryll Glotfelty, Lawrence Buell, Terry Gifford, representantes da Ecocrítica; Axel Goodboy, Adeline Johns-Putra, Gregers Andersen, representantes do Cli-fi; Tom Moylan, Lyman Sargent, Gregory Claeys, Raffaella Baccolini, pelos utopismos; entre outros e outras pesquisadoras e pesquisadores dentro destas abordagens. Nesse sentido, espera-se que os possíveis perfis de propostas de comunicação a serem acolhidas pelo simpósio alinhem-se com as perspectivas teóricas aqui listadas, apresentando análises críticas e reflexivas sobre narrativas que podem abranger diversos meios e mídias.

7. Distopias brasileiras na atualidade: entre ficções e realidades

Coordenação: George Ayres (UFSC)

Resumo: O presente simpósio tem como objetivo reunir reflexões críticas sobre as múltiplas formas pelas quais a distopia tem se manifestado na literatura e nas artes narrativas do Brasil contemporâneo. Diante de um cenário marcado por crises políticas, sociais, ambientais e tecnológicas, observa-se um florescimento de obras que exploram futuros autoritários, cenários de degradação e mecanismos de controle —não como meras extrapolações imaginativas, mas como espelhos perturbadores de realidades já em curso. Ao articular ficção especulativa com críticas sociais, as distopias brasileiras do século XXI configuram espaços potentes de denúncia, resistência e debate. Este simpósio se ancora em referenciais teóricos que historicizam e problematizam o gênero distópico, tais como Elizabeth Ginway (2005), que discute a ficção científica brasileira em chave distópica e suas tensões com o contexto sociopolítico nacional; Tom Moylan (2000) e Ildney Cavalcanti (2023), com suas articulações sobre as "distopias críticas", que buscam identificar elementos de emancipação mesmo nas narrativas mais opressivas; e Gregory Claeys (2017), cujas contribuições delineiam os contornos filosófico-históricos da tradição distópica e sua articulação com o totalitarismo e o colapso ambiental. Tais perspectivas oferecem

ferramentas para a análise tanto formal quanto temática de obras brasileiras que tensionam a fronteira entre o real e o imaginado. Serão acolhidas propostas de comunicação que analisem narrativas distópicas brasileiras produzidas a partir dos anos 2000, abrangendo uma ampla gama de formatos e suportes: romances, contos, graphic novels, filmes, séries televisivas e narrativas transmidiáveis. Interessa-nos explorar como essas produções reconfiguram os paradigmas clássicos da distopia à luz de experiências e problemáticas locais em um contexto brasileiro, como o racismo estrutural, a desigualdade extrema, o extrativismo, a violência estatal, o colapso institucional e a vigilância digital. Espera-se, ainda, que os trabalhos contribuam para a compreensão da distopia não apenas como gênero textual, mas como discurso crítico capaz de intervir nas disputas simbólicas do presente. Convidamos pesquisadoras e pesquisadores de diferentes áreas a compartilhar análises que evidenciem o potencial crítico e estético das distopias brasileiras atuais. Ao promover esse diálogo, o simpósio pretende ampliar o entendimento sobre como a ficção especulativa nacional tem reagido às urgências do tempo presente e, ao mesmo tempo, tem contribuído para imaginar outros futuros possíveis.

8. Utopias e distopias no trânsito entre mídias: reflexões sobre adaptação e intermedialidade

Coordenação: Felipe Benicio (UFAL)
Elton Luiz Aliandro Furlanetto (UFMS)

Resumo: O presente simpósio parte do pressuposto de que, se se quer realmente compreender o *status* estético e político das utopias e distopias no século XXI, faz-se necessário empreender um exercício de análise que englobe não apenas as obras literárias, mas também outras manifestações artístico-culturais que expandem o signo verbal e/ou o imiscuem no entrecruzamento de outras mídias, resultando em produções que, refletindo a estrutura de sentimento desses nossos tempos, adicionam novos caracteres às formas utópicas e distópicas. Publicações recentes demonstram que esta tendência intersemiótica dos utopismos e distopismos tem sido observada por pesquisadores e pesquisadoras ao redor do mundo, como demonstram os títulos *Dystopia(n) Matters: On the Page, on Screen, on Stage* (Fátima Vieira, 2013), *The Rebirth of Utopia in 21st-Century Cinema* (Mónica Martín, 2023) e os dois últimos volumes da série *Movências da Utopia — Utopismos à Vista: Poéticas da Visualidade* (Marcus Matias et al, 2023) e *Utopismos à Vista: Corpos, Espaços, Tempos* (Ildney Cavalcanti et al, 2025). Para o presente simpósio, o recorte proposto visa englobar a reflexão sobre duas vertentes dessa produção: a adaptação de obras de uma mídia para a outra, bem como a criação de obras de natureza híbrida ou intermidiática, tais como quadrinhos e mangás, filmes, séries de TV e *streaming*, jogos eletrônicos, canções e videoclipes, videoinstalações, espetáculos teatrais, dentre outros. A análise de tais obras pode suscitar questionamentos como: Que dispositivos de leitura devem ser mobilizados quando da análise de produções de natureza intermidiática? De que forma esses processos contribuem, atestam ou questionam o estatuto estético e político das utopias e distopias no século XXI? Portanto, este simpósio

aceitará trabalhos que versem sobre a adaptação de obras utópicas e distópicas de uma mídia para outra; que analisem obras utópicas e distópicas de natureza intermediária; que tenham reflexões sobre hibridismos genéricos e midiáticos, bem como sobre os processos de criação, circulação e recepção de obras utópicas e distópicas que se encontram no trânsito entre diferentes linguagens artísticas e mídias. Compõem o referencial teórico deste simpósio as reflexões teórico-críticas sobre utopias e distopias (Baccolini; Moylan, 2003; Cavalcanti, 1999; 2022; Claeys, 2017; Moylan, 1986; 2016; 2021; Marks; Wagner-Lawlor; Vieira, 2022), bem como sobre adaptação (Hutcheon, 2006; Stam, 2001) e intermedialidade (Diniz, 2012; Diniz; Vieira, 2012; Bruhn; Azcárate; Vieira, 2024). No entanto, outras perspectivas teóricas que estejam em diálogo com o escopo deste simpósio também serão bem-vindas.

SIMPÓSIOS PRESENCIAIS

9. Negritude e imaginários apocalípticos: poder, raça e suas intersecções no fim do mundo

Coordenação: George Ayres (UFSC)

Resumo: Narrativas sobre o fim comumente exploram, de maneira acentuada, cenários cujas dinâmicas de poder são refletidas em seus contextos históricos. O fim do mundo é, afinal, um processo de aceleração das mazelas sociais e políticas do capitalismo tardio. Boa parte dos cenários ficcionais apocalípticos da modernidade sugerem retratos de branquitude no protagonismo de suas fábulas de sobrevivência e renovação. Outros, no entanto, desafiam os padrões de representação das vítimas do colapso e daqueles que possuem agência sobre um recomeço social nos escombros das distopias de catástrofe. Muitas de tais narrativas mantêm em suas estruturas diegéticas conflitos e dilemas de raça como ilustração direta e focalizada da fragmentação causada pelo fim imaginado. Se as principais instituições e os meios legais de construção sociopolítica entraram em declínio (Curtis, 2010, p. 7), uma reconstrução civil se faz necessária. Para Paul Williams (2011), narrativas que propõem mundos pós-apocalípticos têm a oportunidade de questionar relações raciais sem a ótica de estruturas morais prévias e códigos sociais hegemônicos (p. 106). Williams discute as dinâmicas sexuais de poder nos panos de fundo históricos dos Estados Unidos tendo como foco questões de raça, e sustenta que muitas ideias acerca de sexo interracial estão fundamentadas em uma lógica racista e de sustentação de hierarquias étnicas (2011, p. 108). O objetivo deste simpósio é, portanto, discutir ficções do fim através de uma ótica racial, explorando como a negritude é desenvolvida em uma pluralidade de fantasias apocalípticas. Como exemplos de análise e discussão deste simpósio estão o filme estadunidense *O Diabo, a Carne e o Mundo* (1959, dir. Randal MacDougall); o romance *Parábola do Semeador* (1992), de Octavia Butler; e o filme etíope *Migalhas* (2015, dir. Miguel Llansó). Tais obras trazem retratos diversos de negritude em face de mundos pós-desastre: um conto de *last man* protagonizado por um homem negro que revive hierarquias e normas raciais de um mundo pré-apocalíptico desolado; um enredo de restauração comunal em um cenário urbano decadente no qual uma protagonista negra

representa um símbolo de humanidade e empatia em sua peregrinação religiosa em meio à violência racial e brutalidade; e uma narrativa cinematográfica de *africanfuturism* que traça uma jornada onírica ao revisitar artefatos culturais e históricos que influenciaram o imaginário artístico popular da Etiópia em um mundo “em migalhas”. Além das obras supracitadas, o simpósio contemplará outras narrativas que envolvam negritude e intersecções de poder dentro de cenários apocalípticos. De cidades abandonadas à resistência a novas estruturas escravocratas, tais obras abordam raça em suas premissas principais e expressam o tema em suas próprias estruturas narrativas e discursivas, que também serão debatidas no simpósio. Parte de tal discussão será pautada na ideia de que ficções do fim carregam uma “estética do fim” (Sontag, 2020, p. 247), focada em imaginários de catástrofe e reconstrução.